

# Revista Brasileira de Ciências Humanas

ISSN 3085-8178

vol. 2, n. 4, 2026

## ... ARTIGO 10

Data de Aceite: 04/05/2026

# **OS *ESTABLISHED* E OS *OUTSIDERS* NO CONTEXTO ACADÊMICO: CONFISSÕES E INQUIETAÇÕES NA VOZ DE MULHERES UNIVERSITÁRIAS**

**Lenise Oliveira Lopes**

Professora doutora na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – DHP/CE, campus I – João Pessoa/  
Paraíba/Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-6777-994X>



Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0  
Internacional (CC BY 4.0).



Mesmo na noite mais triste  
Em tempo de servidão  
Há sempre alguém que resiste  
Há sempre alguém que diz não.  
Manuel Alegre, 1965.

**Resumo:** Formação para o futuro, realidades urgentes, dedicação no ensino superior são comuns desejos para o ambiente universitário. Para mulheres, acrescentam-se assimetrias outras, ética do cuidado e escolhas que podem impactar não só na vida pessoal, mas familiar. Integrado ao estágio pós doutoral, esse artigo trás as confissões e inquietações das estudantes de Pedagogia, recém-formadas, incluindo a minha própria participação sobre nossos aprendizados e percepções das relações entre outsiders no ambiente da UFPB<sup>1</sup>. Através do uso de técnicas de observações diretas; grupos focais; gravações em áudio e depoimentos escritos, buscou-se analisar as formas de interações, corporificadas e simbólicas demonstradas pelas participantes em suas relações em grupos formal, não formal e familiar. Os objetivos específicos foram: (1). identificar os fatores que apontam para noção de construção da identidade, do sentimento de pertencimento, da criticidade e da diversidade das formas de percepção da realidade; (2). Reconhecer através das falas das estudantes quais as atitudes e sentimentos que mais se destacam entre os grupos e estabelecem a coesão e os laços afetivos; (3). Interpretar através dos depoimentos as possíveis barreiras impedidoras do acesso a construção das trocas de saberes, da interação e da construção do sentido de pertencimento no ambiente da academia. Destaquei alguns autores que

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB/Brasil)

fazem parte do referencial teórico: Norbert Elias e John L. Scotson, Robert J. Brym, Celso Castro, Tomaz Tadeu da Silva, Marcia Tiburi. Foi redescoberta a importância do falar em grupo como espaço transformador e fortalecedor da ação política, ressaltando ausências e, a importância de fazer parte da UFPB como núcleo de desenvolvimento intelectual e crítico.

**Palavras-chaves:** Universidade; Mulheres; Pertencimento; Interações Sociais; Identidade; Feminismo.

## INTRODUÇÃO

Nesse artigo tive como objeto de estudo: as confissões e inquietações das estudantes de Pedagogia, recém-formadas, incluindo a minha própria participação sobre nossos aprendizados e percepções das relações de interação entre os *established* e os *outsiders*.

Procurava processos de socialização, de interação e o sentimento de pertencimento nas relações sociais. Perguntava-me: como estavam acontecendo os laços de coesão, especialmente entre as estudantes do Curso de Pedagogia na atualidade da vida acadêmica? Até que ponto, adentrar um pouco nas ideias, no sentir e no agir das estudantes poderia trazer alguma contribuição para a formação de outros professores? O que eu poderia descobrir e como eu faria esse caminho de aproximação e desvendamento de opiniões das estudantes para que de alguma maneira fosse prazeroso e profícuo na formação acadêmica de algumas pessoas?

No entanto, parecia que as observações sobre a ambiência e as estudantes ainda estavam obscuras ou que eu necessitava ampliar as percepções das estudantes, acerca das vivências em sala de aula e em outros espaços. Parece que não perguntamos como

elas e eles estão se sentindo? Não perguntamos sobre seus medos e suas inseguranças ou mesmo sobre as barreiras que elas e eles enfrentam. Estas podem advir do próprio convívio familiar, assim como, do convívio entre as pessoas da academia. Essas barreiras podem tornarem-se elementos inibidores do desenvolvimento acadêmico e até propiciar a exclusão de estudantes da vida acadêmica.

A partir da leitura da obra “Os Estabelecidos e os Outsiders” de Elias e Scotson (2000), meu entendimento sobre as minhas relações no ambiente de trabalho passaram a ter novos esclarecimentos. Foram acrescentadas algumas dimensões e constatações que a própria realidade era o sustentáculo da comprovação. Segundo Neiburg (2000) explica que:

As palavras *establishment* e *established* são utilizadas, em inglês, para designar grupos e indivíduos que ocupam posições e poder. Um *establishment* é um grupo que se auto-percebe e que é reconhecido como uma “boa sociedade”, mais poderosa e melhor, uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência: os *established* fundam o seu poder no fato de serem um modelo moral para os outros. (Neiburg, 2000, p. 7).

Já os *outsiders* formam os elementos necessários para compor “os outros”, os quais formam os opostos dos grupos dos estabelecidos. Porém, necessários para haver os movimentos das relações, onde há sempre aqueles que ocupam os lugares identificados

como “os outros”. Estes estão fora do que é considerado uma “boa sociedade”. São considerados *outsiders* e não estabelecem laços muito intensos. E, até ser grupos heterogêneos e difusos.

Foi a partir do entendimento desses conceitos que comecei a ter maiores explicações para os sentimentos de exclusão e certo sentido de não pertencimento que as estudantes declaravam e esses e outros questionamentos configuraram a contextualização desse estudo.

Estabeleci como questão norteadora dessa pesquisa: **quais os fatores que fazem fluir e quais os fatores que são limitadores dos laços sociais, os que sustentam e fortalecem as formas de interação e dão sentido de pertencimento as estudantes de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), dentro dos espaços que ocupam (formal; não formal e familiar)?**

Tomei como base **para o meu objetivo geral** o meu próprio olhar do espaço da UFPB, buscar as percepções das diversidades de indivíduos e incluir a minha própria percepção sobre o mesmo lugar que desfrutávamos em diferentes posições sociais. Eu era observadora dos fenômenos em minha volta, mas era parte desses mesmos fenômenos vividos pelas estudantes. Eu **fui sujeito e objeto** na construção desse percurso investigativo.

Deste modo, delinear objetivo geral e específicos coadunam com a experiência prática, almejando **analisar as formas de interações e pertencimento, corporificadas e simbólicas, demonstradas pelas participantes em suas relações em grupos formal, não formal e familiar**. Como **específicos, temos: (1). identificar os fatores que apontam para noção de construção**

**da identidade, do sentimento de pertencimento, da criticidade e da diversidade nas formas de percepção da realidade; (2). Reconhecer através das falas das estudantes quais as atitudes e sentimentos que mais se destacam entre os grupos e estabelecem a coesão e os laços afetivos; (3). Interpretar através dos depoimentos as possíveis barreiras impedoras do acesso a construção das trocas de saberes, da interação e da construção do sentido de pertencimento no ambiente da academia.**

Com participação de mulheres de múltiplas identidades, estiveram presentes cis e trans, não binárias, queer, intersex, assexuais. Acrescenta-se as interseccionalidades, como: classe, raça-etnia, com deficiência, mobilidade de território – imigrantes e refugiadas. Outros questionamentos se matizam: quais os mais recorrentes conflitos discutidos, os valores adquiridos e as verdades recriadas? Esses questionamentos propiciaram a convivência nos grupos focais e naturalmente foi gerando afinidades a partir das suas autoidentificações.

Tornou-se necessário fazer alguns questionamentos iniciais às participantes, a fim de provocar fala, a discussão, como por exemplo: o que exatamente as estudantes identificavam como aprendizado nos espaços sociais, na família e na universidade? Quais eram os fatores determinantes na construção de laços de aproximação e de afeto entre as pessoas nos espaços de aprendizagem formal, não formal e familiar, como: espaços de lazer, áreas abertas ao ar livre e cantinas, entre outros. Os espaços de aprendizagem formal, não formal e familiar eram geradores de ensinamentos e ao mesmo tempo geradores de disputa, competição e exclusão? Quem governava ou liderava? Havia nesses espaços relações entre aliados e/ou inimigos? Quais os fatores que

configuravam ou rompiam os laços sociais? Existem ao longo da formação acadêmica oportunidades contínuas, onde as estudantes poderiam problematizar e debaterem sobre corpo, raça/etnia, sexo/gênero e suas identidades sociais?

Como pesquisadora era fundamental levar em conta esse contexto, que demonstrava o entendimento das participantes e o posicionamento delas como mulheres diante dos debates sobre multiculturalismo.

As questões do multiculturalismo e da diferença tornaram-se, nos últimos anos, centrais na teoria educacional crítica e até mesmo nas pedagogias oficiais. Mesmo que tratadas de forma marginal, como “temas transversais”, essas questões são reconhecidas, inclusive pelo oficialismo, como legítimas questões de conhecimento. (Silva, 2014, p. 73).

Essa foi uma das razões que me levou a realizar essa pesquisa na UFPB – constatar os níveis de compreensão das mulheres pedagogas em relação a sua própria condição humana? Poder receber estímulos e discutir com elas mesmas, reconhecendo os seus lugares de fala, as suas necessidades e as suas competências. A professora Márcia Tiburi (2020, p.54) explica o quanto é fundamental o lugar de fala:

[...] no contexto em que a politização de grupos e sujeitos se faz por meio de marcadores opressivos, redefinidos como mote de politização. Aspectos heteroconstruídos, signos de opressão, são vistos de ponto de vista da sujeição

vivida. Daí a importância da “fala”, como expressão e autoexpressão no contexto do poder. (Tiburi, 2020, p.54).

Cito parte da experiência pessoal após ter sofrido um acidente e enfrento inúmeras barreiras limitantes para a viver como pessoa atuante e munida de vontade de transformação social. Esta condição gerou cruzamentos entre as barreiras que se impunham a mim e as barreiras enfrentadas, essencialmente, pelas mulheres estudantes com quem interagia. Desses cruzamentos entre a minha vida acadêmica e a vida das estudantes vieram à tona as similitudes entre o que eu vivia e o que inúmeras estudantes viviam. Elas enfrentavam diversas barreiras: econômicas, sociais e culturais para frequentar a UFPB. Eu enfrentava barreiras físicas, motoras e psicológicas. No entanto, em comum somos mulheres, nordestinas, universitárias, buscando construir conhecimento, trocas sociais de saberes, afetos e apoios mútuos.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Mudei-me da cidade de Brasília para João Pessoa e logo comecei a trabalhar na UFPB. Certamente passo a ter um olhar de quem vem de outros territórios e, portanto, muitas vezes tive um olhar indagativo, cooperativo e até conflitivo perante os modos e costumes de outros sujeitos. Mas, essas reações confirmam o meu encantamento pelas formas como se processam as interações entre os sujeitos sociais e como se constrói o vínculo de pertencimento. Poderia até me considerar um sujeito *outsiders* e ao mesmo tempo poderia perceber-me entre os estabelecidos:

As categorias estabelecidas e outsiders se definem na relação que as nega e que as constitui como identidades sociais. Os indivíduos que fazem parte de ambas estão, ao mesmo tempo, separados e unidos por um laço tenso e desigual de interdependência. (Elias, 2000, p.8).

Para Elias (2000), os sujeitos que formam uma comunidade mesmo que tenham as condições sociais similares como renda, educação ou ocupação profissional, eles podem não se perceberem, não se reconhecerem e isso os tornam outsiders dentro de uma mesma comunidade. Ao passo que os sujeitos dentro de uma comunidade que se sentem pertencentes a essa comunidade são reconhecidos como os estabelecidos. Os estabelecidos constroem sentimentos, esses dão base e formam um grupo que conservam uma história ou uma tradição, são os que chegam primeiro em um território, os outros que chegam depois serão “os outros”, não pertencentes e são diferentes do grupo dos estabelecidos. Assim eu percebia e sentia a mim mesma dentro da cidade de João Pessoa e dentro da comunidade da UFPB.

É importante esclarecer aqui o que Norbert Elias (1994) mencionou sobre o sentimento de pertencimento como uma necessidade humana fundamental de se sentir parte de um grupo ou comunidade. Busquei entender-me nos marcadores sociais como: sujeito social, mulher cis, parda, progressista, classe trabalhadora/assalariada, professora e feminista. Entendi que o feminismo é no momento histórico atual um marcador muito mais abrangente, porque incomoda muito, tem ganhado mais vozes, alcançou o lugar de crítica social mais ampla

que questiona as outras estruturas do poder. Vi que o feminismo mais do que nunca é a luta pelos direitos humanos.

Esse trabalho terá continuidade e a intenção é apresentar essa investigação em partes. Por hora, nesta primeira parte destaco o quanto foi importante a leitura das obras de Norbert Elias (2000; 1994) e Marcia Tiburi (2020), os quais situaram o campo para a construção do marco teórico inicial e da metodologia.

## **Compreendendo o campo de pesquisa: Interações sociais e processo de socialização**

Considero aqui a interação social segundo Castro (2000, p.351), como “o resultado da Inter estimulação entre os indivíduos em contato”. Porém, outros autores ampliam a definição de interação social como Brym (2006, p. 137):

A interação social envolve a comunicação face a face e a ação orientada para o comportamento de outras pessoas. O caráter de toda interação social depende das posições que as pessoas ocupam no sistema de interação (seus *status*), seus padrões de conduta (normas) e seus conjuntos de comportamentos esperados (papeis). (Brym, 2006, p. 137). [...] A interação social envolve comunicação verbal e não-verbal entre pessoas que agem e reagem orientadas umas para as outras. É ordenada por normas, papeis e status. (Brym, 2006, p.171).

Com base nesses autores, o objeto dessa pesquisa é identificado pela sociologia como um fenômeno de interação social e que, além disso, as estudantes de pedagogia e as recém-formadas da UFPB, além da própria pesquisadora, podem ser consideradas como um grupo social. Os grupos sociais são representados por conjuntos de pessoas que apresentam afinidades entre si. Os grupos sociais podem ser primários quando mantêm uma ligação íntima e de longa duração, mas podem ser denominados de grupos secundários quando estabelecem laços menos intensos e não tão íntimo (Brym, 2006). Os sujeitos que compõem o objeto de estudo dessa pesquisa parecem ser exatamente um grupo social secundário. Mas, será no decorrer das etapas metodológicas que poderei constatar se entre as estudantes e entre as recém-formadas em Pedagogia existe interação e uma identidade comum que possa ser considerada como grupo social.

No decorrer dos meus encontros com os grupos focais foi possível perceber uma intensa interação entre os participantes dos grupos, capaz de construir processos sociais dinâmicos ou por vezes uma inaptidão de mudar e se adaptar a acontecimentos e fenômenos novos. Brym (2006, p.174) explica que “os grupos sociais são compostos de uma ou mais redes de pessoas que se identificam umas com as outras e aderem a normas, *status* e papéis definidos”. Quais as redes sociais que as estudantes de pedagogia e as pedagogas recém-formadas participam? O que de fato foi construído nessas relações como acadêmicas? Por exemplo, as estudantes de pedagogia realizam atividades com outros grupos de outros cursos? Mas, o que é rede social?

É um conjunto limitado de indivíduos ligados entre si pela troca de recursos materiais ou emocionais. Os padrões de troca determinam as fronteiras da rede. Os membros trocam recursos entre si mais frequentemente do que com não membros e, além disso, percebem-se como membros de uma rede [...]. (Brym, 2006, p.175).

Compreendo que a interação das estudantes e das recém-formadas com pessoas de outras áreas de estudo seja importantíssimo para o estabelecimento das trocas de saberes e vivências de emoções, como por exemplo parcerias em trabalhos conjuntos com as estudantes de teatro.

Diversas emoções estão envolvidas nas interações sociais. No entanto, as emoções não são tão naturais, espontâneas, autênticas e incontroláveis, quanto se acredita. Diversos aspectos da estrutura social influenciam a constituição de nossa vida emocional. (Brym, 2006, p.137).

As pessoas interagem essencialmente tomadas pelo medo, pela inveja ou pela confiança. Isso acontece, porque as pessoas estão submersas num sistema econômico e político, onde prevalece a dominação, a competição, a cooperação. Para o autor são esses os tipos de emoções que prevalecem. Busca-se muitas vezes descrever as pessoas segundo os seus interesses e suas emoções, entretanto, as pessoas às vezes agem contrariando aos seus próprios interesses e anulam os seus sentimentos, porque sofrem forte in-

fluência de inúmeras coletividades sociais. É importante destacar, ainda, segundo Brym (2006), que os grupos sociais são normalmente formados por pessoas que estabelecem a interação ou apresentam afinidades identitárias. Por exemplo, trabalhei com dois grupos e um deles, o qual denominei de grupo 01, todas as participantes votaram no mesmo candidato à presidência da república e no outro grupo, identificado como grupo 02 a mesma coisa aconteceu, todas escolheram votar no mesmo candidato à presidência da república só que escolheram o candidato oposto ao grupo 01. Outro ponto de afinidade é a religião - no grupo 01 todas as participantes tinham a mesma religião. Já o grupo 02 as componentes apresentavam grande diversidade religiosa.

Sabe-se através de inúmeras pesquisas realizadas em diferentes campos do conhecimento, que a socialização é fundamental para o desenvolvimento do ser humano

Mas, o que seria o processo de socialização? *A priori* poder-se-ia dizer que é um caminho permanente, um processo que se estende ao longo da vida.

A socialização é o processo pelo qual as pessoas aprendem a sua cultura. Elas o fazem adotando e abandonando uma série de papéis e tornando-se conscientes de si próprias enquanto interagem com outros. Um papel é o comportamento esperado de uma pessoa que ocupa uma determinada posição na sociedade. (Brym, 2006, p.106).

Percebi que as barreiras que passaram a impedir a minha inclusão social eram criadas por mim e, também, criadas pelos indivíduos com quem interagia no meu cotidiano. Esses fatos observados levaram-me a crer que estava diante de um corpo que se tornou desconhecido para meu próprio *corpoalma*<sup>2</sup> e com a mesma intensidade percebia um *corpoalma* totalmente estranho para o grupo de indivíduos com o qual eu trabalhava e trabalho cotidianamente.

Após o acidente, ocorrido comigo, vivi o confronto com novos formatos de representação, mas precisava colocar meu corpo perante outros indivíduos. É a esse novo ser que decido dar voz para o compartilhamento junto com as estudantes e recém-formadas em Pedagogia. Mas, talvez, seja esse o motivo mais relevante para minha pesquisa - mulheres que em diferentes formatos e estruturas de valores que vivem estados de opressão e lutam por um mundo mais igualitário.

Através desse recorte procurei no campo da subjetividade e da historicidade colocar-me como sujeito inserido na cultura, nas relações sociais, na vivência de tensões, contradições, vividas por mim e por todas nós mulheres. Desse modo, estabeleci uma relação de pesquisadora que buscou compartilhar e construir saberes em grupos. É ao mesmo tempo que pesquisava as ideias das estudantes, não podia desconsiderar que eu, também, era sujeito participante dos grupos focais e junto com todas estava fazendo descobertas sobre as relações de interação e pertencimento no universo da academia.

<sup>2</sup> Nota: termo criado pela pesquisadora na tese de doutorado para significar que o corpo e a alma são unos. A seguir o endereço eletrônico da tese: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4800>

## METODOLOGIA E DETALHAMENTO DA PESQUISA

Foi a metodologia que favoreceu ao fluxo do desempenho de toda a pesquisa e teve um papel relevante, a partir dos dados coletados através dos grupos focais com as estudantes, onde pude sentir saltarem nas discussões dos grupos a necessidade de escolher métodos e técnicas complementares entre si mesmas para melhor desvendar o que se coletava dos grupos focais e ao mesmo tempo se procurava o entendimento dos dados através das teorias explicativas.

A pesquisa está situada no campo qualitativo, descritivo. Além disso a pesquisa bibliográfica, a pesquisa participante, a pesquisa feminista de campo. As técnicas de coleta de dados foram: entrevistas semiestruturadas, questionários, conversas em grupos focais com registros em gravações e depoimentos escritos. Foi a partir das vozes das participantes, das suas confissões e inquietações, que pude confirmar a delimitação do aporte teórico e metodológico

O grupo focal é uma técnica de análise e coleta de dados que surge nas ciências sociais, mas que migra para outras áreas do conhecimento e tem o predomínio da observação participante e da entrevista semiestruturada. Entende-se assim que a essa técnica seja:

[...] uma entrevista em grupo, na qual a interação configura-se como parte integrante do método. No processo os encontros grupais possibilitam aos participantes explorarem seus pontos de vista, a partir de reflexões sobre um determinado fenômeno so-

cial, em seu próprio vocabulário, gerando suas próprias perguntas e buscando respostas pertinentes à questão sob investigação. (Backes, et al. 2011, p. 438-439).

Os dados coletados foram analisados e interpretados na perspectiva da Teoria Fundamentada nos Dados. Nessa perspectiva, fragmenta-se as informações reorganizando-as posteriormente como achados que foram “criados” ou descobertos na relação intrínseca das informações. Complementando esses procedimentos apoio-me em técnicas da bricolagem, considerando o campo da pesquisa em Educação e Ciências Sociais uma abordagem que abre possibilidades de compreensão das complexidades e das inter-relações entre vários métodos. Nessa abordagem dá-se relevância não apenas o que a teoria pode explicar sobre o mundo, mas sim o que se constrói da própria relação da pesquisadora com o mundo pesquisado.

A bricolagem existe a partir do respeito pela complexidade do mundo real. Na verdade, ela está baseada em uma epistemologia da complexidade. Uma dimensão dessa complexidade pode ser ilustrada pela relação entre a pesquisa e o domínio da teoria social. Todas as observações do mundo são moldadas, consciente ou inconscientemente, pela teoria social, a qual proporciona o quadro que destaca ou oculta o que pode ser observado. (Kincheloe e Berry, 2007, p.16).

As pessoas que participaram dessa pesquisa foram encontradas por mim através de abordagens e conversas nos corredores do Centro de Educação (CE). Iniciei a organização dos grupos, solicitando que elas se dividissem em dois grupos. Desse modo, um grupo ficou com quatro pessoas, que classifiquei de grupo 01; e o outro com nove pessoas e foi classificado como grupo 02. Ressalto que todas as informações e dados declarados aqui são verdadeiramente autênticos, incluindo a faixa etária das participantes (considerando aquelas que declararam a idade) situava-se entre 19 e 32 anos. E, desse modo, o grupo 01- teve reuniões semanais em uma sala na minha residência. O grupo 02 - as reuniões semanais aconteceram em salas da universidade. No grupo 01 havia três pessoas recém-concluintes do curso de pedagogia. Já no grupo 02 todas as participantes eram estudantes do curso de pedagogia. Esses encontros semanais aconteceram num período de três meses, com duração de quatro a cinco horas.

Durante os encontros nos sentávamos sempre em volta de uma mesa; a pesquisadora lançava uma pergunta, que era parte de um roteiro previamente construído e de forma espontânea cada participante falava livremente sobre o que foi perguntado. As participantes podiam sair da reunião para atender as necessidades sempre que precisasse. Todas as perguntas feitas estavam diretamente ligadas aos interesses da pesquisa. A tentativa foi sempre de não perder de vista a pergunta norteadora e atingir os objetivos propostos. Muitas vezes uma participante respondia uma pergunta de forma que dava margem a se explorar muito mais com certo aprofundamento e visão crítica.

## INTEGRAÇÃO, ACOLHIMENTO E SOCIALIZAÇÃO

Ressalto que houve em todos os momentos imenso interesse de cada participante em se fazer presente nas reuniões e falar sobre cada questão de maneira comprometida revelando suas opiniões. A cada reunião os laços entre as participantes iam consolidando-se. Nem todas as participantes conheciam-se antes de aceitar entrar no grupo e lançaram-se num movimento, onde apresentaram - coragem, libertação, afirmação de si mesmas perante umas às outras. Ademais, um sentimento de conforto e confiança. Vivemos momentos de muitos risos e muitas lágrimas, de muita intensidade, porque falamos de nós mesmas, das nossas glórias e infortúnios - trocamos confissões, inquietações e dialogamos em meio as nossas verdades e fomos tomadas de muita emoção. Era extremamente relevante que as participantes pudessem expor suas emoções e isso aconteceu com imensa naturalidade, talvez por grande necessidade de ocupar o lugar de fala, o espaço do dizer. Ouvir a si mesma em voz alta causa um impacto de ruptura com medos e demonstra certo domínio de si.

### Nas vozes, as relações e as percepções de

Depoimento de uma estudante entrevistada, onde está declara a importância da socialização:

A privação dos contatos cotidianos entre os sujeitos sociais pode gerar grandes perdas para concretização do pleno desenvolvimento do Ser humano, que necessita de trocas constantes, assim como os estímulos variados podem atuar no crescimento de seus potenciais. Inúmeras pesquisas já de-

monstraram a importância da convivência entre seres humanos. Sem oportunidades de convivência o Ser humano pode apresentar sérios problemas no desenvolvimento emocional, cognitivo e principalmente na afirmação da própria identidade. Inúmeros teóricos tomaram como preocupação a ideia de explicar a formação da identidade, como exemplo a visão de Woodward (2014), ela inicia o debate sobre identidade tomando como exemplo os povos sérvios e os croatas e os conflitos vividos entre eles a partir dos elementos identitários de cada um desses povos. Essas identidades que tão fortemente os torna povos diferentes. Essas identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas. Vejamos as falas de algumas universitárias, onde cada uma constrói o seu referencial identitário a partir do “outro”, lembrando que nessa fase da juventude tem-se uma convivência mais intensa em grupos e, onde expandem as trocas de informações, valores, modos e modas.

Woodward (2014) toma na sua análise o real exemplo vivido pelos povos sérvios e croatas que em nome das diferenças chegaram a uma guerra monstruosa. A autora afirma que:

[...] a identidade é relacional. A identidade sérvia depende, para existir, de uma identidade que ela não é que difere da identidade sérvia, mas que, entretanto, fornece as condições para que ela exista. A identidade sérvia se distingue por aquilo que ela não é. Ser um sérvio é ser um ‘não croata’. A identidade é, assim, marcada pela diferença. (Woodward, 2014, p.9).

## Quadro 1: Ausência da socialização e das subjetividades

### Fala de sujeitos dos grupos focais

Aqui na universidade é um espaço onde as pessoas além de competirem constantemente, a vida da gente é colocada de lado. A gente tem que falar sobre autores, a gente fala sobre várias questões que não são nossas. Não é a nossa voz é a voz de outra pessoa. Então quando a gente percebe que tem pessoas preocupadas em pesquisar sobre nós, nossas histórias, nossa trajetória, e os sentimentos da gente na universidade é muito importante. Aqui não se fala sobre sentimento, sentimento não cabe dentro do conhecimento científico, sentimento é uma coisa a parte. Você não se sentir implicado pela sua pesquisa, você não pode externalizar seus sentimentos diante das histórias que você está pesquisando, está conhecendo, você tem que ser a parte. A universidade pede que a universidade não se sensibilize, você coleta esses dados quantitativos, qualitativos e análise, seu papel é ANALISAR. Seu papel não é sentir, não é se sentir parte da pesquisa, não é se sentir parte da história das outras pessoas, seu papel é apenas pesquisar. O seu local de pesquisadora, de conhecimento científico, fica a parte de sentimentos. Então foi isso que eu disse; não vou sair dessa pesquisa, vou ficar. Hoje mesmo eu teria que ir para Campina, aí eu disse a minha professora “olhe mulher não vai rolar não, vou ter uma entrevista e eu não posso adiar” e tal. Porque aqui a gente tem voz, a gente está na universidade, a gente já passou por isso e a gente se sente as vezes mal, as vezes bem, a gente se sente acolhida ou não, a gente tem amizades verdadeiras e as vezes a gente não consegue, mas tudo isso faz parte da formação é preciso falar e eu adoro falar. (JÚLIA, idade não declarada)

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

## Quadro 2: identidade

### Fala de sujeitos dos grupos focais

Eu me autodeclaro parda, mas eu me vejo como um conjunto de traços negros e indígenas, no entanto o medo de dizer “sou negra” e por não ter o tom da pele tão escura e alguém comenta que eu não sou negra e que eu posso me afirmar como negra. A cor/raça ainda é difícil para mim, às vezes digo “sou branca suja” que é o significado de parda, mas eu sou o resultado da miscigenação, e vivo o processo de “embranquecimento” da raça. (RITA, 22 anos)

A minha cor de pele é branca, mas eu me vejo como negra. Minha cultura é negra e por mais que eu tenha dificuldades de me colocar como negra é assim que eu me vejo.

Eu me tornei o que sou hoje devido a um conjunto de experiências práticas, onde muitas foram negativas e geraram traumas que perpetuam até hoje. Durante minha infância vivenciei injustiças contra mim: Bullying, assédio sexual, vi meus pais brigando fisicamente e na adolescência quando estava descobrindo-me como membro da comunidade LGBTQIAPN+ <sup>1</sup>vi minha família apoiar o pastor Feliciano em sua fala que coloca LGBTQIAPN+ no mesmo nível de assassinos, pedófilos e estupradores. A partir dessas experiências vivi um processo de resiliência, onde como resultado eu me tornei o que sou hoje. [...] meus traumas surgem primeiramente pela briga que presenciei aos quatro anos, meu pai bateu e empurrou minha mãe no sofá. (CRISTINA, 22 anos).

A sociedade não leva em consideração como você se identifica. Se eu me identifico como negra, mas se o tom da minha pele é mais clara, mas eu sei que tenho traços, raízes e me identifico com essas raízes negras. E a sociedade se ela não faz essa leitura que você é negra, ela não válida. Então sua identificação não vale de nada. Tem uma perspectiva de derrubar essa questão da raça, somos a raça humana, mas há uma segregação que é determinada por um grupo que decide a partir dos critérios dele fazer uma leitura sobre a raça do outro, sem o outro se posicionar. (Mesmo que se use termo raça humano, dentro disso as pessoas se segregam, se dividem). É meio contraditório. (JÚLIA)

<sup>1</sup> Nota: LGBTQIAPN+ é uma sigla que abrange pessoas que são lésbicas, gays, bi, trans, queer/questionando, intersexo, assexuais/arromânticas/agênero, pan/poli, não-binárias e mais. Disponível em: [https://www.conder.ba.gov.br/sites/default/files/2024-06/Cartilha\\_%20LGBTQIAPN\\_2024.pdf](https://www.conder.ba.gov.br/sites/default/files/2024-06/Cartilha_%20LGBTQIAPN_2024.pdf).

[...] foi o aperfeiçoamento do meu lado crítico, na forma em que somos levados a pensar no passado e no presente sabendo avaliar o que nos cabe. Em sala de aula, por exemplo, o contato com os professores críticos, no espaço fora de sala, ainda maiores foram os debates críticos que pude ter [...] (o que está grifado foi acréscimo nosso).

Creio que para haver troca de conhecimento devemos estar abertas ao diálogo, querer ouvir ao outro, ter compreensão das diferenças, respeitar a visão do outro e ter a vontade de expor suas convicções, sem medo de julgamento. (ESTER, 25anos)

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Woodward (2014) chama a atenção para as lutas que aconteceram nos anos 70 e 80. Estas eram lutas políticas marcadas por ideologias em conflito, nos tempos atuais as lutas caracterizam-se pela competição e o conflito entre as identidades. Outro aspecto relevante, é compreender as identidades como um fenômeno da intensificação da globalização. A globalização trouxe a homogeneidade dos elementos culturais que interferiram diretamente na construção da identidade. Tem-se que levar em consideração os processos históricos, sociais e movimentos políticos. “As mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômica no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e éticas”. (Woodward, 2014, p.25).

E, encontro em Hall (2014) uma compreensão de identidade diferente:

Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de saturação, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos interpelar, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividade, que

nos constroem como sujeitos aos quais se pode falar. (Hall, 2014, p.112).

Nessa fala de Hall (2014) posso incluir principalmente professores que se sentem responsáveis pelo papel de fala, ao mesmo tempo sentem a responsabilidade de estimularem os estudantes para assumirem o lugar de sujeitos sociais que possuem capacidade de ter um discurso argumentativo e pertinente, ou seja com conteúdo.

A identidade tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição - discursiva e linguística - está sujeita a vetores de força, relação de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. (Silva 2014, p. 81).

Durante as conversas nos grupos focais ficou claro que existem inúmeros professores na UFPB que são comprometidos com ações de empoderamento das mulheres. Em meio a um trabalho, onde é desenvolvido o bom senso e a criticidade. Por outro lado, as estudantes citam situações de opressão, exclusão e constrangimento, vividos nos espaços formais, não formais e familiares. Ine-

vitavelmente, essas ações são exercidas por sujeitos que dentro de uma hierarquia social de grupos precisam exercer autoridade e poder que algumas vezes pode ser exacerbada.

Foram levantadas várias categorias de análises e que só poderão ser apresentadas em outra oportunidade que será a continuidade desse trabalho. Pretendo apresentar todos os objetivos específicos respondidos e outras categorias de análises já com um breve comparativo entre o ontem e o hoje de algumas participantes.

## APRECIÇÕES FINAIS

Defini como objetivo geral analisar as formas de interações e pertencimento, corporificadas e simbólicas, demonstradas pelas participantes nas relações em grupos formais e não formais. Portanto, para esclarecer a resposta desse objetivo retomo aqui a ordem dos grupos - no grupo 01 percebi que a interrelação dessas participantes na universidade era totalmente restrita a sala de aula. A escolha de parceiros para trocas de conhecimentos também ficava restrita a sala de aula, ou seja, não ficou claro para mim que aquelas pessoas construíram relações de laços afetivos de amizade que pudessem extrapolar a sala de aula, atingindo os espaços informais. Já o grupo 02 ficou claramente demonstrado que existem laços fortíssimos nos espaços informais incluindo fora da universidade, gerando apoio mútuo em situações de conflitos pessoais, enfermidades e na construção do conhecimento. Quanto a socialização e integração fica claro que neste grupo existe uma consciência da importância da construção de laços afetivos com colegas e professores. Ressalto - o que mais me impressionou neste grupo foi à aceitação e o respeito de cada uma, mesmo diante de imensas dife-

renças de valores e costumes. Tanto no grupo 01 quanto no grupo 02 posso afirmar no que diz respeito aos laços familiares que: os depoimentos demonstravam respeito e afeto, entretanto eram marcadas por conflitos constantes. Esses laços familiares em ambos os grupos, mesmo conflituosos, foram as bases para todas essas estudantes chegaram à universidade. Pude constatar que essas famílias não foram ausente em relação a importância da formação acadêmica dessas mulheres. Fato que cabe o reconhecimento no avanço da visão das famílias acerca da mulher e a sua posição na sociedade. A maioria dos pais e/ou responsáveis não tiveram formação escolarizada, porém estimularam e apoiaram do ponto de vista emocional e até financeiro as filhas mulheres ingressarem numa universidade.

Foi fortemente repetido como fatores limitantes das relações entre as mulheres e entre as mulheres e grupos sociais em geral - as ausências de oportunidades na UFPB de haver mais lugares abertos, aprazíveis e com mínimo de conforto, onde elas possam além de estudar, ficarem juntas, lugares que sejam pensados para proporcionar o convite de reunirem-se em pequenos grupos.

Os fatores principais das queixas e angústias estão associados diretamente a uma aparente falta de orgulho que fosse explicitado como uma marca registrada de satisfação em ser um funcionário, um docente, um discente, um colaborador, da Universidade Federal da Paraíba, a qual acaba de completar em 02 de dezembro de 2025 - 70 anos de fundação. Demonstrem o desejo de ter um corpo discente mais coeso em algumas lutas; mais orgulhoso de si mesmo e dos colegas se houvesse a construção de uma cultura de cooperação mútua, de aumento da autoestima, do reconhecimento da renovação

dos valores que brotam em todos os cantos e dos excelentes profissionais que compõem o quadro de funcionários e corpo docente. Priorizar a reforma e valorização dos ambientes do Centro de Educação como um todo. O que as alunas sentem é o descaso que desencadeia inúmeros processos de adoecimentos em todos os que partilham desses sentimentos de desprezo. Estabelecendo uma distância gigantesca do que poderia vir a ser a construção de elementos que promovessem estímulos a felicidade, a saúde física e principalmente mental. Os depoimentos sugerem a disseminação através de campanhas contínuas de imagens que referendem e representem do corpo docente, discente e funcionários. As mulheres querem ser lembradas por ocuparem através de muitas lutas um espaço muito significativo em suas vidas. Existem inúmeros profissionais especialistas da área de comunicação capazes de realizar um plano de ações comunicacionais com a finalidade de fazer emergir uma personalidade que transmita a adequação ao mundo versátil e mutável que estamos vivendo. Uma imagem que possa traduzir o que verdadeiramente a UFPB faz e oferece a comunidade. As estudantes querem demonstrar que pertencem a um espaço de saber, o qual oferece inúmeras contribuições a Paraíba e ao Brasil.

## REFERÊNCIAS

- BACKES, Dirce S. et al. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **Revista o Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 438-442, out. 2011.
- BAUER, Martin W; GASKEL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BRETON, D. Le. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Tradução de Marina Appenzeller. 3. ed. Campinas: Papirus, 2008.
- \_\_\_\_\_. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BRYM, Robert J. et. al. **Sociologia**: sua bússola para um novo mundo. 1. ed brasileira. São Paulo: Thomson <learning, 2006.
- CASTRO, Celso Antônio Pinheiro de. **Sociologia Geral**. São Paulo: Atlas, 2000.
- ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Organizado por Michael Schröter. Tradução de Vera Ribeiro. Revisão técnica e notas, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- ELIAS, N.; SCOTSON, JOHN L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Tradução de Vera Ribeiro. Tradução do prefácio da edição alemã, Pedro Sússekind, Frederico Neiburg, Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- \_\_\_\_\_. **O processo civilizador**. Tradução Ruy Jungman. Revisão de Renato Janine Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- GOULDSBOM, Johan. **A vergonha**: uma dor social. In: GEBARA, Ademir; WOUTERS, Cas (orgs.). **O controle das emoções**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009. p.47 – 60.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Traduções Tomaz Tadeu da Silva. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 103-133.
- HIRATA, Helena (org) et. al. **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathleen S. **Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem.** Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

NEIBURG, Federico. Apresentação. In: ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders.** Tradução de Vera Ribeiro. Tradução do prefácio da edição alemã, Pedro Sússekind, Frederico Neiburg, Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SIGNIFICADOS. Significado de integração. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/integracao/>>. Acesso em: 23 jan. 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Traduções Tomaz Tadeu da Silva. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 73-102.

SOMEKH, B.; LEWIN (org.). **Teoria e Métodos de Pesquisa Social.** Trad. Ricardo A. Rosenbusch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

STRUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada.** Tradução de Luciane Oliveira da Rocha. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos.** 14 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Traduções Tomaz Tadeu da Silva. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 7-72.